

1930. Alberto Vieira (Braga 12/1)

Pro-Vimaranense

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES
PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL

1.º ANO — 3.ª Série NÚMERO 1	Director e editor: José Pinto Rodrigues ■ Administrador: Armando Andrade Guimarães, 20 de Abril de 1930	Redacção e Adm.: RUA DA REPÚBLICA, 24. Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE
---------------------------------	--	--

Mais uma vez. Mais uma vez — e para sempre.

O "Pro Vimarane," não resuscita. Por uma razão muito simples — porque nunca morreu. Viveu sempre no nosso espírito, viveu sempre na memória e no reconhecimento de todos os que acompanharam a sua obra, de todos os que o seguiram através a sua luta lial, intrépida, desinteressada e persistente em defesa dos interesses desta gloriosíssima terra, grande entre as grandes, orgulho e honra de todo um povo.

Porque voltamos?

Respondemos como há tempos: — Porque assim é necessário. Precisamos de defender a nossa Terra e, para isso, de novo nos unimos nesta trincheira, de novo nos irmanamos no cumprimento dêste honroso dever.

Precisamos de defender a nossa Terra, senhores vimaranenses!

* * *

Desde há muito, pode mesmo afirmar-se que desde tempos imemoriais, a nossa vida local é flagrante exemplo de um absurdo, de um ilogismo incompreensível.

Todos nos proclamamos, usando para isso das mais entusiásticas e campanudas palavras, vimaranenses dedicados, modelares, amando sobretudo, acima de tudo, o torrão natal. Palavras, só palavras.

Quando há necessidade de união, de coadjuvação de esforços, de energias, de vontades, quantas dificuldades! quantos obstáculos! Por qualquer pequena coisa aí estamos todos a guerrearmos-nos estupidamente, imbecilmente. Porque Fulano é monárquico, porque Cicrano é republicano, porque êste é plebeu, porque aquele é aristocrata, porque êste é católico e aquele ateu, porque um está pobre de rico e aquele sem vintem, por isto ou por aquilo, por nada até. Não pode ser! Não deve ser!

Acabemos com dissídios, com mal entendidos, com desconfianças. Olhemo-nos frente a frente. Sejamos dignos da nossa qualidade de vimaranenses. Há um campo em que todos, absolutamente todos, nos podemos juntar, nos podemos entender. E' o campo em que está êste jornal. Acima de tudo, dos preconceitos, das

Por Guimarães!

facções, de tôdas e quaisquer separações políticas, — a nossa Terra! Lutemos por Ela, dêmos-lhe tôda a nossa assistência, que Ela bem carece de que a amemos enternecidamente, sinceramente!

* * *

"Pro Vimarane," é órgão da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, afirmação que corresponde inteiramente a esta outra: — é o jornal de todos os vimaranenses, o porta-voz das suas aspirações, o interprete fiel, o defensor denodado e firme, sempre firme, de tudo o que seja *defesa e propaganda da nossa terra*.

Bastariam estas palavras para delinear todo um programa. Mas é preciso ir mais longe, há absoluta necessidade de ir mais alem. Queremos que todos os que nos lerem fiquem bem scientes do que nos propomos fazer, que todos conheçam os nossos intuitos.

* * *

Quando da segunda fase dêste jornal, há cerca de 3 anos, tivemos ocasião de, ao apresentarmos ao público, sintetisar em cinco princípios, que enunciávamos, as directrises que êste jornal sempre seguiu e há-de seguir.

Repeti-los novamente parece-nos que é oportuno.

Ei-los:

— Respeito absoluto pelos legítimos direitos e pelos interesses fundamentados de todos os vimaranenses.

— Defesa incondicional, dedicada e desinteressada, de tôdas as iniciativas, projectos e actividades postas ao serviço de Guimarães.

— Ataque enérgico, persistente, a todos os actos, iniciativas, projectos e obras de que possa resultar prejuízo para o bom nome da nossa Terra ou que, mesmo de longe, traduzam menos respeito pelos seus direitos, interesses, regalias e tradições.

— Com a exigência, sempre justificada pelos nossos actos, de

absoluto respeito pelas nossas intenções, máxima tolerância para com todos os que estejam animados de boa fé.

— Nada de preocupações políticas ou religiosas.

* * *

Jornal regionalista, na acepção mais pura e mais inteligente desta expressão, "Pro Vimarane," embora lutando sempre e intransigentemente pelo que é nosso, não precisará, em caso algum, de ser menos correcto ou menos delicado para com os que porventura tenha de combater.

— Discutir ideias, defender princípios, estar sempre na brecha para obstar que sejam postergados os direitos de Guimarães, para impedir todo e qualquer atentado contra a nossa Terra, é o que sempre faremos. Sempre e através de tudo, forçando obstáculos, despresando dificuldades, enfrentando perigos.

Para isso nunca necessitaremos de sermos menos correctos, não atiraremos com pedras aos nossos adversários, não lançaremos mão de expedientes, sobretudo do expediente fácil, mas porco e desonroso, da calúnia. Sabemos sempre ser dignos da missão que nos impuzemos. E assim, não atacaremos nem defenderemos pelo prazer de atacar ou defender, por exibicionismo ou pelo desejo ridículo de fazer literatura: — atacaremos ou defenderemos sempre que, *em consciência*, entendermos *dever* atacar ou defender.

A nossa maior preocupação será a de sermos justos, verdadeiros, imparciais. Se uma palavra, uma local, um artigo, atingir alguém que se julgue ferido em seus direitos ou nos seus interesses respeitáveis, êsse alguém dispõe destas colunas para nos rebater. Nunca há-de ser necessário recorrer à Lei da Imprensa para que neste jornal qualquer se defenda. E' claro que não temos, necessariamente, de pedir licença, seja a quem fôr, para escrever...

* * *

Vai já longo êste artigo. Não queremos, porém, terminá-lo sem fazer uma referência, embora ligeira, a alguns dos assuntos que mais directamente nos interessarão e que por individualidades de reconhecida competência serão explanados com desenvolvimento nestas colunas.

A *elevação a central do Liceu Martins Sarmento, o estabelecimento, nesta cidade, de uma Unidade Militar*, com o correspondente distrito de recrutamento e reserva, a *concessão de subsídios*, há tanto reclamados, à *Escola Industrial Francisco de Holanda*, entre outros, são assuntos que inteiramente correspondem a algumas das mais caras aspirações dos vimaranenses e, por isso, de tôda a actualidade. Desenvolvê-los-hemos como mereceu, de modo a demonstrarmos cabalmente a justiça que nos assiste quando junto dos poderes públicos procurarmos obter a satisfação das nossas reclamações, há tanto já desatendidas.

Caminhos de ferro e Turismo — assuntos são também de palpitante actualidade. *Instituições de assistência e beneficência, mendicância, prostituição, acção administrativa local* e outros, muitos outros, todos assuntos de indiscutível interesse, bastantes dos quais ainda carecidos de estudo cuidado e sério. De uma maneira geral tudo o que respeite às diversas modalidades da actividade dos vimaranenses e tudo o que mais de perto a todos nós possa interessar aqui será explanado, estudado e discutido.

* * *

E para findar, os nossos cumprimentos, as nossas efusivas saudações a todos os colegas da imprensa, especialmente aos da imprensa regional e, mais particularmente, aos nossos colegas locais.

* * *

Está feita a nossa apresentação. Sincêramente, lialmente, dissemos quem somos e ao que vivimos. Trilharemos o nosso caminho com a serenidade, a firmeza, a persistência de quem tem a certeza de servir uma causa justa e nobre.

Por Guimarães! Por Guimarães!

Regressando As Classes Comercial e Industrial Um abraço

Regressa de novo ao seu posto o «Pro-Vimarane». E' a Fénix que renasce para uma vida nova, esperanças no carinho que, certamente, vai merecer de todos os vimaranenses de boa vontade. Tem sido agitada e incerta a vida deste jornal, E' necessário que, de hoje em diante, o «Pro-Vimarane» se imponha, se lhe abram novos horizontes, e seja, enfim, um jornal dos Vimaranezes, o porta-voz das nossas aspirações legítimas, o defensor acérrimo, entusiasta, dos interesses da nossa boa Terra.

Por toda a parte se anuncia o renascer do regionalismo. Em todas as terras se estão organizando comissões de propaganda e de defeza que reúnem à sua volta os homens bons dessas terras para uma acção comum.

Não há partidarismos que os dividam. Há apenas uma aspiração, — que é de todos: — engrandecer as suas terras, conquistar-lhes novas regalias.

Façamos nós o mesmo. Tenhamos por este jornal a simpatia que devemos ter sempre pelas iniciativas que, — como esta —, são nobres e alevantadas. E, assim, elle poderá viver, poderá criar alentos para bem desempenhar da sua bela mas, ao mesmo tempo, espinhosa missão.

Vimaranezes! Congreguêmos todos os nossos esforços, reúnamo-nos todos à volta deste baluarte que se ergue, de novo, para a defeza dos interesses de Guimarães. Saibamos todos cumprir o nosso dever de vimaranenses, auxiliando, incitando e encorajando os que voltam à liça, por sua Dama.

* * *

Dia de Páscoa, florida e bela! Por todos os recantos da nossa linda Terra há um ar novo de festa que traz novas esperanças a todos os corações.

Também, neste dia, nós temos novas esperanças. Oxalá elas se não desvançam e antes criem novas e mais fortes raivas, para que possamos, daqui a um ano, acompanhando o simbolismo litúrgico da Igreja, exclamar triunfantemente:

Aleluia! Aleluia!

Vilaflor.

Festas ao S. Cristóvão

Promovem para Junho os profissionais do volante uma solenidade ao seu patrono — S. Cristóvão.

O local para a efectivação do seu programa será a Penha: o que é de louvar a preferência.

Um dos mais interessantes propósitos desta solenidade é a erecção de um baixo relevo em bronze postado sobre um penedo. Não sabemos quem foi encarregado da execução da «maquette». O que importa é desejar que este trabalho de escultura seja modelado por maneira a merecer o dispêndio da fundição, e que as suas proporções não sejam mesquinhas, tendo-se em vista não só o monumental do bloco onde será encrustado e ainda o todo da montanha, que não suporta coisas mesquinhas.

Quando em 1924 se reformaram os estatutos da «Associação Comercial de Guimarães» eu manifestei por vários modos a conveniência de que nêles ficasse consignado um capítulo destinado à *representação permanente*, junto do corpo directivo da Associação, das várias modalidades do comércio e da indústria.

Julgo poder afirmar que este processo de representação, — a que podemos chamar «grêmios de classe» — já é adoptado nas associações de Lisboa e Porto.

Seja ou não já praticado este princípio de *agregação federativa*, caso é que elle se afirma de uma utilidade evidente.

Vejam, para exemplificar, a maneira arbitrária e infrutuosa como ainda na última reunião magna do comércio e indústria se procedeu, para efeito da nomeação de um representante, por freguesia e por cada ramo, para efeito da distribuição da contribuição industrial.

Alem da insuficiência no número de nomes indicados, observou-se que as indicações eram feitas *à la diable*, quando não calculadas...

Que garantias podem dar estes gerentes de eleição numa assembleia heterogénea, sem a presença da maioria, ou, pelo menos, de um núcleo regular dos membros de cada ramo de actividade comercial e industrial?

Semelhante facto já não observaríamos se, ao fazer-se a eleição para os corpos gerentes da Associação, simultaneamente fôssem eleitos três delegados por cada classe para constituírem os respectivos grêmios, destinados a uma permanente representação junto da referida Associação.

Que finalidade se podia atribuir a estes núcleos de representação ou *agregados federativos*?

O seu objectivo *único* seria: o de reunirem e deliberarem para todos e em todos os assuntos que, interessando dum modo especial à sua modalidade de comércio ou indústria, implicitamente só esses núcleos separadamente sabem, com conhecimento de causa, pôr em equação.

E quantos motivos, e quantas oportunidades aconselham a reunião, em *conclave* de interessados, para agir sobre problemas que à direcção comum do organismo associativo não ocorre e por ninguem lhe é lembrado, se-

quer, pela natural falta de expediente que o membro de uma classe, por isolado e retraído, não adopta?...

E' evidente que estes núcleos de representação permanente teriam o seu regulamento, a sua escrita; sem que colidisse o seu modo de ser e de actuar com o poder supremo e homogéneo da Associação.

Não seriam estes pequenos organismos corporativos e de classe, outros tantos pequenos estados dentro de um estado — a Associação. Seriam antes a valorização, o aproveitamento de energias associativas, de onde derivaria um mais flagrante indicador da *utilidade* da Associação Comercial e Industrial de Guimarães.

Assim, tal como as coisas da Associação se nos oferecem, vê-se que sendo a instituição associativa composta de tantas modalidades do trabalho comercial e industrial, *só uma*, por vezes, parece ser a dominadora das atenções e zêlos defensivos dos corpos gerentes da Associação.

Querem exemplos?...

Poupemo-nos a uma exposição de factos que, podendo levantar pruridos de reparo, nem porisso conturdiria a necessidade que é manifesta — de eleger anualmente cada ramo de actividade comercial e industrial, *pelo menos os ramos de maior vulto*, três membros que sejam junto da Associação, *subordinados aos seus Estatutos*, os delegados vigilantes e activos na defesa dos interesses correspondentes ao respectivo ramo comercial ou industrial.

Foi este critério que fez criar nos grandes centros de Lisboa e Porto, a par das Associações Comerciais, as associações dos «lojistas» e mais dos «armazenistas» — como a dizer-nos que, a par dos interesses gerais do comércio, existem os interesses do comércio em cada especialidade.

Atitude idêntica é aquela que adoptam os trabalhadores, organizando-se em sindicatos de trabalho e estes, por sua vez, em Concelho Federal.

Podíamos ir ainda a outras classes buscar mais exemplos para fortalecer o nosso acerto. Basta, porém, olhar para o que se vem fazendo, de há muito, dentro da classe comercial dos grandes centros.

A. L. de Carvalho.

Um saldo

Não se trata, como à primeira vista poderei parecer, de um anúncio comercial.

Trata-se de um *saldo* que tem uma história digna de contar-se, história ora picarêsa, ora dramática, que os nossos leitores hão-de saborear com certo regalo, estamos disso convencido.

Não a narraremos neste número. Roma e Pavia não se fizeram num dia. Tudo tem o seu tempo. De resto a história é bastante longa, cheia de acidentes, um tudo-nada complicada. E' das que se contam em vários serões, pausadamente. Há-de por isso

ser publicada em folhetins. Anunciamo-la, porém, desde já, para que os leitores se compenetrem de que não lhes faltará também neste jornal a leitura amena, a novela agradável, o romance de capa e espada...

Fica, pois, combinado. A partir do próximo número começarão os leitores a ter o regalo espiritual de ler a «História de um Saldo», tragi-comédia em vários actos e muitos quadros.

Preparem-se, pois, senhores, vai começar a história...

Este número foi visado pela comissão de censura

E' com bons olhos e o coração satisfeito que vejo sair o nosso «Pro-Vimarane». A nossa Terra não pode viver sem ter quem a defenda e a acarinhe, e só — e muito bem — a Sociedade de Defesa e Propaganda o pode fazer, porque tem valores capazes, vontades fortes, inteligências robustas, prontas a quebrar lanças pelo ideal que a *todos* deve unir, o ideal da grandeza, progresso e prestígio de Guimarães, ideal que muitos esquecem — amarga verdade! — e trocam por um comodismo fácil, sem deixarem de ser... *bons* vimaranenses.

E' preciso chamar à vida real todos esses *bons* vimaranenses; fazer-lhes compreender e sentir que a sua e nossa Terra precisa do esforço e da boa vontade de todos os seus filhos para poder *viver* a vida progressiva das outras terras, muitas das quais com menos direitos e nenhuma ou poucas das possibilidades de Guimarães; fazer-lhes compreender e sentir que, tanto pela Belesa, que deslumbra, das suas paisagens, como pela grandeza material, sempre renovada, das suas indústrias, Guimarães deve caminhar num sentido belo e humano de Progresso e Vitalidade.

Porisso é que os meus olhos vêm com agrado o reaparecimento do «Pro-Vimarane».

Bem hajam os que meteram ombros à empresa, bem hajam os que auxiliem este baluarte-trincheira, que há-de estar sempre na vanguarda, em defesa da terra de Afonso Henriques!

Abraça-os efusivamente o mais humilde de todos os vimaranenses.

Domingos Ribeiro.

N. da R. — Antigo colaborador deste Jornal, Domingos Ribeiro, operário inteligente, camarada lial, baírrista entusiasta, quis saudar-nos por termos metido ombros à empresa do reaparecimento do «Pro-Vimarane». Obrigado pelo abraço. E cá ficamos na brecha.

Estrada da Citânia

Vimos feita a afirmação de que o sr. Ministro do Comércio redigira para o «Diário do Governo» um decreto que manda fazer a estrada para a *Citânia de Briteiros*, devendo a mesma estar pronta para Setembro, por ocasião da visita dos delegados ao Congresso Antropológico e Arqueológico a realizar em Lisboa.

A realizar-se esta antiga aspiração dos vimaranenses, é caso para jubilo, bem se justificando uma manifestação de aprêço ao ilustre filho do concelho — o sr. Dr. João Antunes Guimarães — a quem se fica devendo tão meritório serviço.

«Pro-Vimarane»

O nosso jornal não apresenta hoje a sua definitiva disposição tipográfica. Anúncios, secções permanentes, notícias e informações, nada disto elle contem neste primeiro número. Todas as deficiências, naturais e compreensíveis, merecerão, por certo, a desculpa que pedimos aos nossos leitores.

A construção de um Teatro nesta cidade. Apêlo aos Vimaraneses.

E' do conhecimento público que uma das iniciativas tomadas pela Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães respeita à construção de um Teatro nesta cidade. Iniciativas como esta desnecessário se torna encarecê-las, tão flagrantemente elas se impõem. Guimarães necessita de muitas coisas. Algumas, grande parte, só os Governos poderão concedê-las, porque às suas atribuições pertencem. Outras, porém, e em número mais avultado do que à primeira vista se pode julgar, não as têm os vimaranenses por desleixo, incúria ou preguiça. E' uma verdade indiscutível.

E' absolutamente preciso reagir. Começemos tratando de nós, para termos autoridade de exigir dos outros que nos vejam com melhores olhos.

Um Teatro! Pode isto parecer, à primeira vista, coisa irrealizável. Sê-lo-há?

Eis o que hão-de dizer os homens de boa-vontade.

A iniciativa não é de agora. Vem já de há muitos anos. Agita-a agora novamente a S. D. P. G. Até aqui, até que esta colectividade a chamasse a si, nada de concreto, de positivo se esboçou, sequer. Começa-se a trilhar caminho diferente. Estão sendo cuidadosamente feitos os indispensáveis trabalhos de preparação. Pessoas competentes estão encarregadas de elaborar os estudos precisos. Um arquitecto, a quem se devem já algumas obras de incontestável valor, está executando um projecto cuja execução, não sendo demasiado dispendiosa, dê satisfação aos desejos de todos nós.

Muito há ainda que dizer sobre este assunto, que não largaremos de mão enquanto não estiver definitivamente arrumado, e só o estará quando tivermos a dita de poder assistir a espectáculos de arte numa casa decente, cómoda e que honre as nossas tradições e a nossa vida de gentes civilizadas.

Transcrevemos a circular que pela Direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães vai ser enviada àqueles que melhor poderão contribuir para a efectivação de tão útil quanto interessante iniciativa. Nela se diz, de uma maneira geral, o que basta por agora dizer-se.

Não somos pessimistas. Muito pelo contrário, somos dos que raramente desanimam. As dificuldades, em lugar de nos entibiarem, dão-nos alento, fortalecem-nos. Sinceramente declaramos: — estamos absolutamente convencidos de que esta iniciativa há de vingar-se, para honra e orgulho de Guimarães.

Segue a circular:

«Ex.^{mo} Snr. — Como é já do conhecimento público, a Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, obedecendo ao seu objectivo principal—pugnar pelos interesses desta terra e esforçar-se pelo seu progressivo desen-

(Conclui na 4.ª coluna).

Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães

Seus objectivos. Sua acção.

A actividade desenvolvida até hoje por este organismo merece uma larga referência. A pouco e pouco os nossos leitores irão conhecendo o que ela tem sido em tôdas as emergências da vida local.

Sucessoras do antigo grupo com desigração igual à deste jornal, a Sociedade de Defesa e Propaganda tem procurado sempre, atravez de tudo, honrar as tradições dêsse grupo, que marcou na nossa Terra pelo entusiasmo, pelo ardor e pela combatividade com que interveio em alguns dos periodos mais agitados porque tem passado a cidade e o concelho.

Todos se recordam ainda, certamente. Mas neste momento em que nos propomos começar expondo desenvolvidamente o que tem sido a acção da Sociedade de D. e P., é até imperioso dever recordar aquêl Grupo. Constituído por môços, por rapazes, êle foi sempre oportuno nas suas intervenções. Saiu à estacada quando muitos, com a indeclinável obrigação de aparecerem, de se mostrarem, ficavam comodamente em casa, no ambiente regalado da vida íntima.

* *

Desnecessário se torna fazer explanação desenvolvida dos objectivos, das finalidades que tem em vista a Soc. de D. e Propaganda. O que esta colectividade deseja e o que quere, as razões que determinaram a sua constituição, são bem conhecidas do público. Contudo, para que não só as suas finalidades, mas também os pormenores da sua organização intensa, sejam integralmente conhecidas de todos, faremos publicar neste jornal os seus estatutos, de maneira a, no final, se lhe poder dar a forma de livro. Mas, vejamos.

A sua própria designação é, por si, uma síntese reveladora dos seus objectivos: — *Defesa e Propaganda de Guimarães.*

A propaganda de Guimarães tem sido muito descurada, hemos de confessá-lo. Lá fora são desconhecidas quasi inteiramente as nossas imensas e extraordinárias possibilidades e qualidades. E não só as nossas possibilidades e qualidades turísticas, digamos assim, mas também, o que não é menos grave, as nossas possibilidades e qualidades industriais, comerciais, agrícolas, etc. isto é, precisamente aquilo que mais nos honra, precisamente o que mais nos pode elevar perante os olhos dos estranhos.

Se todos conhecessem Guimarães como ela deve ser conhecida, nas mais diversas manifestações da sua prodigiosa e fecundissima actividade, seria possível verificar-se o alheamento, a indiferença, o quasi desprezo a que tem sido votada?

A resposta não pode deixar de ser negativa.

De quem a culpa?

Em grande parte, na maior parte, talvez, nossa, de todos nós vimaranenses. Verdade amarga, mas evidentissima, verdade que

custa ouvir, sem dúvida, mas que é necessário dizer-se e repetir-se tantas as vezes quantas as queixas para, pouco a pouco que seja, se ir modificando a nossa mentalidade e o nosso espirito, até hoje como que caídos numa preguiça, numa indolência e num comodismo que, afinal, só nos tem causado sérios e gravissimos prejuizos.

* *

E o que diz respeito à propaganda de Guimarães pode, mutatis mutandis, aplicar-se ao que se refere à sua *defesa.*

Perguntêmos, vimaranenses, ás nossas próprias consciências: temos sabido defender a nossa Terra?

Não. Constantemente nos guerreando uns aos outros, pelos mais fúteis motivos, nem sequer temos sabido unirmo-nos nos momentos de maior perigo. Dir-se-há, por vezes, que há entre nós separações de castas, abismos profundos a distanciar-nos, a impedir que nos unamos, que nos aproximemos.

Aqui se poderão dar como reproduzidas as palavras escritas no artigo de apresentação. Meditem com pouco sobre elas os nossos conterrâneos.

* *

Será preciso dizer mais alguma coisa para bem ficar esclarecido, definido, o que deseja, o que pretende a Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães?

Entendemos que não. Fixe-se, porém, que nos anima sobretudo, a todos os que da «Sociedade» fazemos parte, o propósito elevado de promover a união de todos os vimaranenses em face dos superiores interesses locais.

* *

No dia 21 do mês findo passou o 1.º aniversário da aprovação dos Estatutos da S. D. e P., que o mesmo é dizer, — da sua existência legal. O que tem sido desde a sua fundação até hoje a acção por ela desenvolvida, iremos relatando o aos nossos leitores. Muito do que se fez, quasi tudo, talvez, não foi conhecido do grande público. Agora, porém, que a «Sociedade» tem um órgão, já o público ficará conhecendo, em tôdas as suas particularidades, todos os passos dados e os que se vieram a dar.

Uma coisa desde já afirmaremos, e é que a Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães sempre tem intervindo, desde a sua constituição, em todos os actos que interessam à cidade e concelho de Guimarães, não tendo descurado um só momento a sua vigilância e a sua defesa.

Junto dos poderes públicos — Governo e autoridade superior do districto — fez chegar, já por várias vezes, a sua voz.

De todo o trabalho até hoje realizado e dos seus resultados, começaremos falando no próximo número.

Comissão de iniciativa e Turismo da Penha.

Reuniu na passada terça-feira, na sua séde, à Praça D. Afonso Henriques, tendo resolvido autorisar vários pagamentos e ventilado alguns assuntos que se prendem com o embelezamento da Penha. Brevemente publicaremos uma entrevista com o presidente dêste organismo.

volvimento — tomou a iniciativa da construção dum Teatro.

Será desnecessário referir desenvolvidamente os motivos que a levaram a lançar esta iniciativa, porque ela resultou, muito principalmente, do convencimento, de todos nós vimaranenses, de que não pode prolongar-se por mais tempo uma situação que muito mal nos deixa colocados perante localidades de bem menor importância. Não se compreende que ainda não tenhamos um teatro decente e cómodo quando constantemente andamos afirmando as nossas grandes e incontestáveis possibilidades de desenvolvimento e de progresso, quando a tôda a hora apregoamos calorosamente o nosso bairrismo.

E' Guimarães uma das poucas, se não a única cidade do País que se encontra desprovida duma casa de espectáculos, dado que as pocilgas que ai temos, e a que pomposamente se dá tal designação, não são mais do que tristísimos e nojentos exemplos de miséria e de desconforto, exemplos que depõem muito eloquentemente contra o nosso amor pela terra e, até, contra a nossa intelectualidade. A Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães reconhece bem as dificuldades e os obstáculos que há a vencer para conseguir a efectivação da iniciativa que tomou, mas conta que os vimaranenses saberão acolhê-la com o interesse e o carinhoso entusiasmo que ela merece. Basta que todos — especializando, é claro, os que se encontram em melhores condições de fortuna — queiram para ela contribuir na medida das suas posses.

Se porventura, ao contrário de tôdas as previsões, os vimaranenses não souberem ou não quiserem compreender e corresponder aos esforços dos que, desinteressadamente, pelo bom nome de todos êles se esforçam e lutam, então terá de reconhecer, se que já não há maneira de fazer despertar aquelas qualidades que, em outros tempos, nos tornaram admirados como exemplos de dedicação e amor pelo torrão natal.

Brevemente esta colectividade promoverá uma reunião, que será oportunamente anunciada, na qual serão expostos os seus planos e a qual esperamos que V. Ex.^ª não faltará, disposto a auxiliar com todo o interesse tão necessária e útil iniciativa.

Pela Direcção da Soc. de Def. e Prop. de Guimarães — O Presidente,

Duarte Ferreri de Gusmão S. Fraga.

Núcleos de acção local

Nos estatutos da S. D. P. G. encontra-se prevista a criação do núcleo de acção local nas povoações do concelho mais importantes, tais como, por ex.: Taipas S. Torcato, Pevidem, e na vila de Vizela. Facilmente se compreende o pensamento que presidiu à confecção de tais disposições estatutárias.

A sede do concelho não pode, nem deve, esquecer esses agrupamentos de população, constituído por vimaranenses como nós, que como nós merecem as atenções administrativas, que como nós igualmente precisamos do interesse dos poderes públicos.

Creemos que da organização desses núcleos algo de importante resultará. Certos mal entendidos não de desaparecer quando os habitantes do concelho se entenderem, sem discrepâncias, sobre um determinado número de problemas que, de resto, a todos dizem respeito.

Engrandecer qualquer das localidades referidas é contribuir para o engrandecimento do concelho. A Sociedade de Defesa e Propaganda procurará ser, por intermédio dos núcleos, a interprete dos desejos e das aspirações das localidades onde eles se acharem instalados.

Por agora está já definitivamente assente a criação de um desses núcleos no Pevidem. Povoação laboriosíssima, de um enorme e cada vez mais progressivo desenvolvimento industrial, contribuindo grandemente para as receitas públicas, o Pevidem merece as nossas melhores atenções. Sabemos que os seus habitantes desejam, de há muito, a satisfação de algumas aspirações cujas justiça não pode deixar de ser reconhecida. Por muito satisfeita se dará a S. D. P. G. se contribuir para que, na medida do razoável, essas aspirações se tornem em factos.

Ao nosso querido amigo António Faria Martins foram incumbidos os trabalhos de instalação do núcleo nessa importante povoação, trabalhos que levará a cabo com a inteligência e actividade que todos lhe reconhecemos.

Natural é que já no próximo número possamos anunciar a organização de outro núcleo. E assim, a pouco e pouco, mas firmemente, a Sociedade de Defesa e Propaganda, cumprindo a sua finalidade, vai trabalhando sem desfalecimentos pelo bom nome e pela maior glória da nossa querida terra.

Ler e propagar o "PRO-VIMARANE," é um dever que se impõe a todos os bons filhos da nossa terra.

Na queima dos Judas

Sai num rico dia, esta gazeta. Da quadra da Primavera, tempo risonho e fagueiro, os dias de maior festança e de maior tradição no culto do povo e no culto da igreja, são estes do Sábado de Aleluia e Domingo de Páscoa.

E' o tempo dos folares e dos Judas.

Rôscas de pão-leve, de trigo, ovos cozidos, amêndoas em ovinhas de açúcar e canela, flores de papel e diversas bugigangas de engana meninos e papalhes o pão, são um encanto e gulodice de afilhados e namorados, firmes na comunhão dos seus dias de festa, marcados pelas calendas tradicionais, e vindos de longe em seguimento de lei e de promessa.

Têm o prazer dos beijos que se dão e a frescura dos beijos que se recebem, estes dias onde a paga do nosso affecto vai em dedicação aos afilhados e às namoradas.

Pelos campos, os conversados deixam na fonte das suas noivas, os ramos mais lindos das flores desta quadra primaveril.

As casas das aldeias, estão varridas e espanadas; as almas do bom povo livres do carrêgo mofento dos pecados, em confissão ajoelhada; as mesas postas para dar o foliar ao Snr. abade e os arcos levantados em murta para a passagem do Senhor Deus, oirado a capricho.

De maneira que, sem fazermos mais lirismo, o dia da saída deste periódico foi mesmo ao nó.

Nascendo dentro deste signo, pode cumprir perfeitamente, e através os tempos do seu fado de vida, a regra tradicional do sábado e do domingo.

Este jornal pode pois, ser, e muitas vezes, padrinho de algibeiras largas, na doçura do seu distribuir, e ser em muitas marés bufa-gato incendiário, para a queima dos muitos judas que furam na vida como as minhocas em terra de papas.

*

No meio de tanto enforcamento e de tanto moerter de Judas, só um grande dó nos fica.

E' que agora, esses pobres diabos, — esses instrumentos entisicados de papel, de rastilho, de careta, de ridículo aspecto nas fardetas e no enchimento atripalhado de palhuço, que representam na semelhança a imagem viva do ser repelente, do Judas de carne e osso que as sociedades toleram, e que a igreja banuiu do seu seio de graça e misericórdia, — não legam à posteridade os seus testamentos.

E é pena.

Quem há 30 ou 40 anos para cá, tivesse a feliz ideia de coleccionar todos esses papeluchos volantes, essas tiras de papel impresso que pelo sábado de Aleluia apareciam num vozeirar de pregão, tinha organizado uma colecção bem curiosa do engenho popular, na fabricação espontânea de muito verso satirico, de muito verso irónico, de mistura com o sabor apimentado e gaiato, que entra como bichinho em malha larga, nestas composições anónimas, filhas de uma inspiração de reduzidas forças.

Por tôdas estas coincidências,

e por sabermos que os autores de tantos testamentos de Judas, de tantas quadras de Janeiras e Reis, são quantas vezes o barbeiro da aldeia, o taberneiro da esquina, o rapazinho de tal ou aquê reformado espertalhão, de classe humilde, é que o valor aumenta, e aumenta dentro da medida e distância que vai de um poeta de gabinete ao conhecido cantador de desgarrada.

Os testamentos de Judas tinham a mais umas certas características. Focavam os tempos, os costumes e as pessoas.

Bem ou mal?

Eram uma manifestação do talento popular.

Sempre, e em todos os casos?

Na mór parte dêles. Porém, em juízo seguro, só com um exame ao verso e ao estilo.

Eram como que, os testamentos dos Judas, os gritos do Entrudo, soprados pelas horas do deitar das almas, noite alta, lavradores de afuniladas vozes, em montes sobranceiros, levando ao conhecimento desperto da freguesia, as novidades, os escândalos e as maroteiras de maior sensação.

Eram a graça e o castigo, os rubores das faces, os pecados do coração, as podridões das almas, trazidos à luz do sol, e eram dentro da época e da sociedade, o porta-voz de novidades e pegulhos que ninguém tinha coragem de dizer, assim tu cá tu lá, ou escarrapachar em qualquer gazeta.

Eram uma caricatura à imagem e semelhança dos testadores, desses Judas que gerações e gerações se fartaram de queimar, sem que dessem conta de tôda a daniinha raça.

De cabeça sabemos nós algumas bem ajustadas *notas testamentárias*, de um celeberrimo testamento que deu que scismar:

Deixo ao Rodrigo Macedo, carinha de feiticeira, uma camisa de renda fabricada na Madeira.

Ao Joaquim do Hotel, que tem o jôgo incompleto, deixo o taco e duas bolas p'rá ficar c'o jôgo certo.

A. B.

Aleluia!

Dia formoso, verdadeiramente primaveril. Depois de tantas horas de silencio, de novo repicaram festivamente os sinos. Foi queimado o Judas. Símbolo de traição miserável, o pobre boneco, cheio de palha e de bombas, lá estoirou inglôriamente, perante a curiosidade boquiaberta do lavrante nosso concidadão. Mercado frequentadíssimo. Abriram-se os cordões às bolsas. E' tempo de festa, — que importam as misérias da vida? Parabens aos srs. comerciantes, que desta feita não devem ter ficado tristes.

Governador Civil de Braga

Afirma-se que virá esta semana de visita a Guimarães o chefe do distrito, coronel sr. Balduino de Seabra, a fim de mais de perto conhecer as razões e os fundamentos de algumas das nossas reclamações, ouvindo para esse efeito, certas entidades.

Não sabemos se o que se diz é verdadeiro. E' natural que o seja.

A visita de S. Ex.^a justifica-se plenamente.

Um sem número de assuntos por resolver pedem imediata, urgente intervenção. Quando as autoridades distritais vivem afastadas das populações dos diversos concelhos que compõem a respectiva área administrativa, permanecendo quasi sempre na sede, como geralmente tem acontecido até agora, muito difficilmente poderão conhecer, em tôda a sua extensão, em tôdas as suas particularidades, os interesses, as aspirações e as necessidades desses concelhos.

Logo que o actual Governador Civil do Distrito tomou posse, a Direcção da S. D. P. G. foi apresentar-lhe os seus cumprimentos, entregando nessa ocasião uma representação na qual, em síntese, eram postas em foco algumas das nossas mais instantes necessidades a satisfazer, concluindo que deseja que, para o futuro, a acção administrativa local se fizesse sentir de maneira a melhor poder contribuir para o progresso da nossa terra.

S. Ex.^a escutou tudo com a maior atenção, manifestando-se de maneira a poder-se compreender que achava justas as nossas reclamações, acabando por afirmar que faria todo o possível para que elas fossem satisfeitas.

Tem, pois, por tôdas as razões, a visita de S. Ex.^a, a realizar-se, um alto significado. Oxalá ela contribua para o melhoramento da nossa situação, hoje bem mesquinha, e seja decisiva pelo que respeita à nossa vida administrativa local. São os votos de todos os vimaranenses.

Informações e Noticias

Procuraremos dar a esta secção o maior desenvolvimento possível. Até agora este jornal não foi orientado de maneira a ter a característica de noticioso. Passa a tê-la nesta nova fase. Os leitores serão sempre postos ao corrente de todos os factos dignos de noticia que ocorrerem entre a publicação de dois números. Por outro lado, estabeleceremos também um serviço completo e tanto quanto possível perfeito de informações. Assim, nesta página, a partir do próximo número, o leitor encontrará tôdas as indicações necessárias para andar a par do que lhe é necessário saber e do movimento das repartições cuja actividade mais lhe interesse. Da Policia, da Guarda Republicana, da Repartição de Finanças, do Tribunal, etc., o nosso serviço de informações marcará, temos a certeza, pela sua utilidade, que dentro de bem pouco tempo todos reconhecerão.

Todos os que se inscreverem como sócios da S. D. P. G. contribuirão para o engrandecimento da sua terra

“Museu Alberto Sampaio”

Tendo-se tornado público que surgiram dificuldades à continuação do restauro dos claustros da Colegiada e instalação do Museu Alberto Sampaio, a Direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda, obedecendo, como sempre, aos seus objectivos, enviou aos snrs. Presidente do Ministério, ministros da Justiça, Instrução e Comércio um telegrama, cujo texto o público já conhece, fazendo votos por que se puzesse termo a quaisquer obstáculos. E' igualmente do conhecimento do público a resposta enviada pelo Ex.^{mo} Governador Civil do Distrito.

No passado dia 15 foi recebido, pelo Ex.^{mo} Presidente da Direcção da S. D. P. G. o seguinte officio, emanado da Repartição Central da Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais :

«Ex.^{mo} Snr. Presidente da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães.

Em referência ao telegrama de V. Ex.^a, cumpra-me informar que tendo procurado o Snr. Ministro da Justiça, por S. Ex.^a nos foi dito que nenhuma dificuldade serão postas ao prosseguimento das obras de instalação do Museu Alberto Sampaio.

As salas entregues à Corporação Cultural de Nossa Senhora da Oliveira são tão somente as do 1.^o andar da casa, onde fica instalado o Museu.

Saúde e Fraternidade.

O Engenheiro Director Geral».

Muito nos regosija que se acabe com quaisquer dificuldades, mal entendidos ou quer que seja que possa impedir a continuação de uma obra que reputamos de largo alcance.

A Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães cumpriu na conjuntura o seu dever, mostrando, uma vez mais, por forma iniquívoca o seu interesse e dedicação por tudo o que illustre ou nobilite a nossa terra.

No próximo número nos referiremos mais de espaço a este assunto.

Ainda o

Museu Alberto Sampaio

E' já do conhecimento público tudo quanto se passou na quinta-feira relativamente ao Museu Alberto Sampaio. Dizem-nos esperar-se que dentro de poucos dias o assunto fique definitivamente resolvido. Oxalá. Em nossa opinião o que há a fazer é determinar-se expressamente, claramente, o que pertence ao Museu, dificuldade principal, segundo cremos, de entre tôdas as conhecidas. O critério é simples: Ao Museu pertencem não só as dependências até hoje reconhecidas como próprias dêle, mas também o claustro, sem serventia para o pároco, que há muito ano vem passando preferentemente sem êle, o que mostra não ser necessário para os actos do culto ou outros quaisquer. Neste sentido, a Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, única entidade que se tem decididamente interessado pelo assunto, enviou telegramas ao Ministro da Justiça, Ministro do Comércio e Repartição Central dos Monumentos Nacionais.

A sorrir e a chorar

Desta vez, felizmente, todos de acôrdo, todos unidos e todos de braço-dado a favor da construção dum novo teatro.

Desta vez nem uma só fífia.

Afinação e harmonia em tôda a orquestra.

Tudo muito afinadinho e tudo muito harmonioso desde o humilde bombo até ao valioso stradivarius.

Ainda bem!

Amôr à Terra desde o rez-do-chão até à clara-boia.

Dedicção ao — Bêrço — desde os torturantes joanetes até à raia dos cabelos do lustroso capachinho.

Assim, sim...

Assim, vale a pena comprar bilhete de *maple* para assistir à ópera.

Vai subir o pano.

Descubramo-nos respeitosos e ouçamos em silêncio.

Ouçamos com todo o acatamento, o que, a propósito do projectado teatro, diz o «Comércio de Guimarães», respeitável decano dos jornais vimaranenses.

A máxima atenção, senhores! Vai cantar o tenor...

Veste a capricho pelo velho figurino e traz no rôsto, irrepreensivelmente escanhoado, visíveis sinais de atros sofrimento e da mais pungente saúde...

Respeitemos-lhe a dôr que o tortura e consome...

Silêncio, pois!

«Guimarães, a terra que é nossa Mãe, nosso bêrço, nosso lar, arrimo e futuro, quem não fará por ela os maiores sacrificios?

Guimarães, palavra suavíssima que une e esquece agravos, nem sempre, como é triste dizê-lo, tem sido acarinhada e amparada pelo esforço terno de seus filhos!

A primeira, a mais imprescindível obra, a que tem de fazer-se com urgência — é o Teatro.

E' preciso, é urgente, é necessário fazer-se!

Agreguem comissões, busquem auxílios, mas vamos trabalhar!...»

Muito bem!

Isto nos agrada até ao máximo!

Isto nos comove até ao ponto de pedirmos licença para fazer parte do corpo de baile, dos côros ou da orquestra como simples tocador de ferrinhos.

Também queremos ter o gôsto de fazer parte da companhia.

Antes, porém, de começarmos a trabalhar, seja-nos lícito uma pequenina observação, aqui só para nós muito baixinho... Aqui só para nós muito em segredo... muito confidencial...

Vamos ver qual de nós esmorece na campanha a que tão sincera e dedicadamente nos votamos por amor à nossa terra, às nossas vidas e às dos nossos semelhantes...

Sim, vamos ver qual de nós é mais constante, mais persistente, e mais firme nesta campanha, que tem por fim ser útil a Guimarães e que, por tal motivo, merece o nosso sacrificio e o franco aplauso duma terra inteira.

Será baldado esforço?...

Será mais uma vez malhar em ferro frio?...

Não sabemos. Só Guimarães poderá responder... se quiser corresponder ao nosso apêlo.

O que sabemos, porém, é que temos obrigação de lutar e que se ficarmos vencidos, restar-nos-há, ao menos, a suprema consolação de havermos cumprido o nosso dever!

Trabalhem, pois, com amôr e com afincio pela nossa querida terra!

Nós, como não temos merecimento para mais nem ambições de maior, seremos, na nossa reconhecida insignificância e em nossa humilde pequenês, quando ouvirmos o almejado grito «Mãos à obra» os primeiros a deitar a mão à picarêta.

Mas isso, sim...

Nessa altura, nessa ocasião, já os netos dos nossos netos terão cem anos ou mais, se tiverem a boa sorte de não serem vítimas duma catástrofe...

Perdão, nem tanto ao mar nem tanto à terra!

Que demónio!... Tanto pessimismo é de mais!...

Não temos o direito de julgar tudo pelo pior, pois, felizmente, ainda são numerosos os que se interessam e rejubilam com o engrandecimento de Guimarães.

Fala bem alto, e bem do coração, o regosijo causado pelo bendito restauro dos formosíssimos claustros da veneranda e *quasi extinta* Colegiada... o esplêndido edificio dos Correios... e as actuais obras de modificação do hotel da encantadora Penha!...

Assim pudessem falar, com igual entusiasmo e com igual eloquência, os projectados monumentos a Gil Vicente... Aos Mortos da Grande Guerra... A' Independência... e áquele que, nos últimos tempos, foi o mais prestimoso e dedicado amigo da «sua» e nossa querida Guimarães!...

O nosso sempre saúdoso João Franco!

E não falam — diga-se de passagem e muito de mansinho — porque tudo passa... e tudo esquece...

Adeante...

O retinir da campainha convidanos de novo a ocupar o *maple*...

Vai tornar a subir o pano.

Silêncio!

Surge, agora, à luz da ribalta, a prima-dona, tôda liró, vestindo à *minhóta*, de formosa e apreciada trança... sem lábios asquerosamente carminados... e sem provocantes e enganosos *sinaisinhos à francesa*...

Trás os punhos cerrados e nas rechonchudas faces a côr sádia e linda da mulher portuguesa.

Vai cantar a *Velha Guarda*.

Schiu!

Nem pio!

«Oxalá saibam corresponder aos intentos da Sociedade de Defesa e Propaganda, para ver se se acaba de vez com as espluncas que mereciam já um museu e para que a terra se torne digna aos olhos de qualquer aldeia sertaneja.»

Bravo! Bravo!

Isto é o que se chama um *dó de peito* vibrante, expressivo, sincero e cristalino!...

Muito bem, cachopa!

Mas o dito, dito...

Vamos ver quem primeiro desafina ou qual de nós deserta às

Efemérides vimaranenses

Dia 20 de Abril de 1633.

A Câmara manda apregoar: «que todos os officios que teem obrigação de darem as danças e mais jogos para a procissão do Corpo de Deus, as tenham prestes e bem aparelhadas para o dito dia, com pena de 20 cruzados pagos na cadeia».

primeiras contrariedades que, por ventura, possam surgir...

Nós sempre no nosso pôsto! Sempre fixes!

Se ficarmos sós, o que não cremos, não deixaremos de combater até final e sempre de caneta em punho!

Sempre por Guimarães! Sempre pela nossa terra, tão linda, tão hospitaleira, tão contribuida e tão desventurada!...

Lutaremos sempre!

Dos fracos não reza a História!

E nós somos históricos até à medula!...

David, grande amigo da sua terra, também lutou sósinho com Golias, e de tal forma se houve o esbelto e destemido rapaz, que o herculeo adversário, com tôda a sua prôa, logo à primeira mocáda, vibrada com alma e com gana, coçou a cabeça, arrancando do peito êstes gritos de dôr:

.....
Ai que me feriste!
Ai que me mataste!

Depois... tremeu... correu os estores... cambaleou... e morreu...

E David, triunfante e sorridente, afinou a harpa e, na sua voz ultra Menano, entoou esta canção, mais sublime que o canto da cotovia ao despertar da manhã:

.....
Terra bendita, ó pátria querida,
Tens um altar de filhos teus no coração.

Cantemos nós também que

O cantar o choro evita

Cantemos todos

que o canto às nossas almas alivia...

Agora!... Agora muito alto e com tôda a fôrça no bombo, como a briosa estudantada por ocasião das imortais nicolinas!...

Lutaremos a cantar, sósinhos, sim, embora tenhamos de succumbir no campo da batalha, o que é bem mais preferível a morrer inglóriamente dentro dum «fôrno crematório»!...

Que horror, senhores!...

Um «fôrno crematório»!!!...

Diante disto, que é dito sem rancôr e bem sentidamente, ponhamos de parte o sorriso e a chalaça e falemos com a gravidade e compostura que o assunto requer e manda!

Lutemos todos, todos!...

Grandes e pequenos!... Ricos e pobres!... A respeitável velhice e a esperançosa mocidade!...

Lutemos todos com pertinácia, com entusiasmo e com fé pelo engrandecimento da nossa querida Guimarães, e, sobretudo, para que não tenhamos, um dia, de verter sentidas lágrimas... de arrependimento... e de remorso!...

José de Gondar.

Cine-Theatro

Pontos nos ii...

A arte já não é aquele "fenómeno subjectivo", que o poeta desejava impôr como criado em todos os momentos oportunos da sensibilidade, nem tão pouco a coterie filosófica que se classifica de repouso ou de movimento, segundo a distinção do espaço e do tempo.

A arte, hoje em dia, raramente exprime a manifestação de espírito que nos sugestionam, considerada com permanência a imitação que é o princípio fundamental, fiel e exacto, do sublime e ponderadas as razões naturais que a tornam defeituosa quando não grotesca.

Nada, nada se aproveita: nem realismo, nem idealismo, nem a harmonia das suas Escolas.

Da sua missão educadora, ela já não confirma ou precisa o que deveria realmente ensinar, e da emoção que possa provocar, entendemos que gera uma hipocôndria vesúmica que é espasmo cerebral, tarando as gentes numa confusão estúpida que as coloca mais como actores do que como espectadores — a infernal scena da vida que é a vertigem, que é loucura e que é agiotismo!

Fazer arte nos tempos hodiernos, repetimo-lo, é trastejar com a nossa própria sensibilidade, é renegar o esplendor da verdade de Platão, as artes plásticas e as artes rítmicas, a expressão da beleza e "a expressão sensível do infinito", segundo a definição de Kant.

Viver-se da arte e não para a arte.

Desdenha-se e escorraça-se a intenção mais nobre, mais independente, simplesmente para dar agasalho ao espectáculo deprimente, sujo e deshonroso, de quaisquer manifestações de arte, surjam de que escola fôr.

E' por isso, que se criou esta secção, onde se fará, pelo que respeita à arte de Talma ou à do silêncio, uma defesa acalorada da arte de representar, combatendo com severidade e rijesa as trapaceices que os senhores empresários nos queiram impingir.

Ou aqui, em Guimarães, mesmo no barracão do Gil Vicente se proporcionarão aos espectadores verdadeiras manifestações de arte, ou acabaremos por inutilizar todos os negociantes de arte que se abalancem à prática da especulação.

E para terminar, diremos: ou telas de Henner ou Hogarth, quadros de Morot e Lebrun, ou frechadas certeiras que matem por qualquer ponto vulnerável.

L. Coelho.

Poetas Vimaraneses

Cantigas da minha Terra

Por Delfim de Vimaranes

Apesar de há já muitos anos estar afastado da nossa terra, Delfim Guimarães tem mantido sempre vivas as suas bellas qualidades de vimaranense dedicadíssimo e entusiasta. E' um poeta de valor. Comprovam-no as interessantes quadras que seguem, de um flagrante sabor regionalista.

A Senhora da Lapinha
Vem num andor colossal!...
Meu amor vai depressinha
Vê-la passar ao Toural...

Este ano no S. Torquato,
Ao povo que nos discute,
Hemos mostrar-lhe o retrato
Tiradinho à lá minute...

Passas por mim sem me ver,
E até cortaste o cabelo!...
Hei-de mandar-te prender
Na corrente do Castelo...

Eu vi-te de lenço caro
E o pescoço cheio d'oiro
Na feira de Santo Amaro
Ao lado dum rapaz loiro!...

Ah! bem sei que vais casar!...
Porisso aqui estou ligeiro
Para um beijo te pagar,
Que eu nunca fui caloteiro!...

Tricanas lindas, sem par,
Da minha Terra querida
São as que vão trabalhar
No allinho da Avenida...

Murmura o Selho de prata
No seu leito rendilhado,
Mas se o teu busto retrata
Fica a sonhar enlevado...

Se a S. Lázaro passares
Pede ao Senhor do Padrão
Lenitivo a estes pesares
Que afogam meu coração...

Os nossos Colaboradores Aos Srs. Anunciantes

Declaração bem visível, inserta na 1.ª página diz: «A colaboração deste jornal é solicitada». Esta declaração não significa que haja o propósito de fechar estas colunas aquêles que, no desejo de contribuir para o engrandecimento da nossa Terra, queiram emitir a sua opinião sobre os inúmeros problemas, ainda por resolver, que interessam à vida local. Jornal desprovido de quaisquer preconceitos políticos, única e exclusivamente regionalista, o «Pro-Vimarane» procurará a colaboração de todos os vimaranenses que nos mais diversos ramos de actividade e nas variadas classes sociais se tenham extinguido pela sua dedicação à Terra natal.

Há problemas fundamentais para a vida não só de Guimarães, mas de toda a região minhota, que é absolutamente necessário estudar, apontando-se-lhes as soluções mais práticas e vantajosas. Para isso ter-se-há até de recorrer a individualidades extranhas à nossa Terra. De resto, este jornal, embora, em primeiro lugar, pugne pelo que a Guimarães respeita, nunca deixará de ser minhoto e, sobretudo, jámais se esquecerá de que é português.

Republicanos, monárquicos, os da direita e os da esquerda, todos os colaboradores terão a mais ampla liberdade para tratar, respeitando a índole do jornal, dos assuntos que mais lhes interessam.

Eduardo d'Almeida, Alfredo Pimenta, Alberto Vieira Braga, A. L. de Carvalho, José Luis de Pina, Capitão Duarte Fraga, Francisco Martins, João d'Oliveira Bastos, Abel Cardoso, Eduardo Passos, Manuel Alves de Oliveira, António e João Faria Martins, Luís Filipe Coelho, Alfredo Guimarães, Francisco Pinto Rodrigues, Del-

A quarta página deste jornal será, do próximo número em diante, reservada para anúncios permanentes, a preços módicos, variáveis segundo o espaço que ocupem. Todos os Srs. comerciantes e industriais que desejem anunciar, devem dirigir-se ao nosso administrador, Sr. Armando Andrade.

Devoluções

Tôdas as pessoas que queiram devolver este jornal devem fazê-lo antes da publicação do 2.º número. Desnecessário se torna explicar a conveniência que há nisso para a administração do jornal e os prejuízos que causará mais tarde, quando se realizar a cobrança das assinaturas, o não pagamento dos respectivos recibos.

Contudo, como entendemos que a nenhum vimaranense deixará de interessar a orientação exclusivamente bairrista e patriótica deste jornal, confiamos em que nenhuma das pessoas a quem o dirigimos o devolverá.

fim de Vimaranes, David d'Oliveira, Alberto César, Isaias Vieira de Castro, P.º Gaspar Roriz, João Lopes de Faria, Dr. Luis de Pina, Jerónimo Sampaio, Serafim Rodrigues, Capitão Pina e outros mais, são pessoas com quem este jornal certamente poderá contar. Os seus nomes bastam como garantia de independência, de imparcialidade.

A alguns dêles ainda não foi possível falar ou escrever. Cremos, porém, que nenhum deixará de coadjuvar esta cruzada que tem por lêma magnífico o grito — Por Guimarães!

Saüdando

*Germinem a Fé, a Devoção
Um altar no coração!...
Inspire-se o amor p'la Terra
Memorável na História!...
A nossa querida Glória!...
Raça que beleza encerra,
A fizeram imortal!...
E' a anciã de Portugal,
Saüdemo a nossa Terra!...*

FREITAS SOARES.

Porto, 3 de Abril de 1930.

Officinas de S. José

As «madrinhas» dos internados deste simpático estabelecimento de caridade, continuam com o seu leilão de prendas na oitava da Páscoa.

Fica bem aos sentimentos do coração vimaranense ir ali em romagem para ajudar a obra benemérita das senhoras, que, inclinadas de carinho pelos seus afilhados, buscam amealhar alguns recursos para amparar a bela instituição que um sacerdote em hora feliz conseguiu crear.

Aproveite a população da nossa Terra o ensejo de ali ir, não só jogar ás sortes e leiloar ás prendas que dois «stands» encerram, mas também para ver os autênticos progressos das oficinas de carpintaria e tipografia.

Não são estas as únicas modalidades de ensino oficial que ali se promovem: mas a verdade é que os aprendizados de alfaiate e de sapateiros que ali igualmente se ministram aos internados, são deficientes, por enquanto, para que mereçam relêvo — a não ser para lhes desejar melhor futuro, quanto à instalação das oficinas e sua orientação técnica.

Seja, pois, dia de festa e oitava de Páscoa nas Oficinas de S. José.

Ao Ex.ºo Chefe do Distrito

Vai V. Ex.ª nomear uma nova comissão administrativa para reger a Junta Geral do Distrito. Seja-nos lícito lembrar a V. Ex.ª de que o concelho de Guimarães não tinha nenhum delegado na comissão demissionária, e — não estava certo!

Em obediência ao princípio da lei administrativa, V. Ex.ª não deixará de desejar que Guimarães tenha um representante nesse organismo distrital. A importância do concelho de Guimarães faz, de resto, jus a essa representação.

No grupo dos 13 concelhos de que se compõe o distrito de Braga, é Guimarães o primeiro na importância tributária com que concorre para o cofre distrital!

Esta razão já de si marca o relêvo deste concelho e induz a crer que V. Ex.ª não deixará de reconhecer o direito que a Guimarães assiste de não ficar sem um delegado na composição da comissão administrativa da Junta Geral do Distrito.

Queremos finalmente, que a Junta Geral do Distrito seja mais do que — Junta Geral de Braga,